

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

BARCELLOS HA 30 ANNOS

V

Proseguimos hoje com a historia da Capellinha de Santa Martha, de ha cincoenta annos para cá.

Era, como dissemos, a nossa Santa Martha d'Arcuzello muito venerada por seus numerosissimos devotos. Havia ali, na capellinha, uma missa rezada todos os domingos e dias santificados, e foi seu ultimo capellão o rev.^o Antonio do Porto Paiva, egresso franciscano, meu saudosissimo e veneranlo professor de instrucção primaria, portuguez, francez e inglez, em cujas linguas era versatissimo; o padre mais illustrado e mais modesto, que eu tenho conhecido n'este concelho de Barcellos. Pois era este thezouro de saber e de virtudes, que ai vivia n'um casebre qualquer, no Campo de S. José, que, ao sahir do côro no Bom Jezus da Cruz aonde era capellão coreiro, ia dizer missa á capella de Santa Martha, e não raro levava um dos seus discipulos para lhe ajudar á missa. Lá foi muitas vezes Manuel Leite, Joaquim Leite, Joaquim Paes e Evaristo Barroso, que todos foram discipulos d'elle nos seus ultimos annos de leccionamento.

Quem sustentava esta missa, é o que eu não sei. Não raro haviam ali missas solemnes em cumprimento de votos feitos á Padroeira da capellinha.

Não errarei ao dizer, que a ultima missa solemne, que ali se celebrou, foi no dia 8 de setembro de 1859 em satisfação de um voto feito pela sr.^a D. Suzana Dourado de Figueiredo, saudosa e sempre lembrada tia materna do amigo mais inseparavel, que eu tenho. Foi celebrante o padre José Vieira de Souza Coutinho, que falleceu abade de Requião; acolytou diacono o padre José Villas, e de subdiacono o padre Antonio Paes, que então tinha apenas o grau de subdiacono, e, creio que foi então que elle exerceu aquella ordem pela primeira vez. Os tres levitas, todos muito novos e muito dados, estiveram perto de tirar a maior seriedade a um acto tão solemne; por que, ao padre Villas principiar a cantar o Evangelho—«Liber generationis Jesu Christi filii David»—os dous, celebrante e subdiacono, principiaram de sorrir-se, o que se contagiou ao proprio cantante, e esteve aquillo a descambar em uma gargalhada geral. A capella já então estava mal venerada, e tanto que foi preciso pôr-lhe alguns adornos cujo serviço foi encarregado a Boaventura José da Silva, servo do Senhor da Cruz. Foram officiantes o parochio da freguezia d'Arcuzello, padres João Fernandes, João Jeronymo Pereira do Valle e Bento José Bar-

bosa; estes dous ultimos acompanharam a missa a canto-chão, e dos primeiros um era mestre de ceremonias, e o outro thuriferario.

Não me consta, que ali se celebrasse outra missa solemne. A capella está hoje votada ao mais odioso abandono, despresada, profanada, e entregue ao serviço de coberto de despejos.

Era a capella de Santa Martha o atractivo para que muitas pessoas da villa por ali fossem dar os seus passeios aos domingos, indo pela Granja e regressando pela Pedra do Couto. Dous amadores d'este passeio, e devotos de Santa Martha, que, invariavelmente todos os dias, sem faltar um só, faziam este passeio, e iam rezar a Santa Martha, eram os dous velhotes, e amigos velhos, Manuel Sebastião Rodrigues da Cunha, negociante, morador na caza que é hoje do meu amigo Secundino Esteves, e João do campo da Feira, ou João da loja, assim conhecido, que morava na caza, que hoje pertence, depois de reconstruida de novo, aos herdeiros do meu saudoso amigo Custodio Rodrigues Leite.

Ao declinar da tarde sahia Manuel Sebastião montado em dous enormes tamancos, que pareciam duas carretas; meias de lã, de pizão, até ao joelho; um enorme capote de portnholas e de enorme golla, encimado por uma cartolla fina, que ameaça devassar os segredos da lua, dirigia-se á porta de João do campo da Feira, que, com trage em tudo igual, se abeirava do seu amigo e companheiro; e lá atravessava, aquelle par de velhos, respeitaveis e respeitados, o campo da Feira em direcção á Granja, seguindo até á capella de Santa Martha, aonde faziam oração; e de lá voltavam pela Pedra do Couto ao embozar da noite, deixando Manuel Sebastião o seu amigo em caza, á hora de ensacar a ceia, que lhe vinha feita de caza de Maria Ventura, e recolhenlo-se elle para cear tambem, fazer em seguida as suas orações, dar cavaço, com a mesma *toilette* do passeio, pelas lojas dos negociantes visinhos, e, a horas do toque de recolher no sino da cadeia, entregar-se nas mãos de Morpheu, para que, ao outro dia, repetisse, as mesmas horas, a mesmissima coisa do dia antecedente. Os dous peregrinos á Santa Martha, em dias de chuva, levavam, cada um, o seu enorme guarda-chuva de panninho vermelho, com varas de barba de baleia e castão com uma figa de osso, como então se usava; e, em dias claros, uzavam grandes bengallas de cana com castão de prata. Conservaram sempre este costume, até á quebra do João do campo da Feira, que foi tido sempre pelo negociante mais endinheirado de Barcellos,

e que veio a acabar miseravelmente; facto que surpreendeu toda a gente da villa, e que impressionou de tal modo o seu intimo e velho amigo Manuel Sebastião, que, pôde dizer-se, que nunca mais teve saúde.

Havia na capella, e perto do altar, um buraco na parede aonde, diziam, ouviria a corrente do rio Jordão quem ali applicasse o ouvido; de modo que muitos eram os que cabiam na esparrella; e a surpresa da corrente do Jordão transformava-se-lhes em uma grande cabeçada contra a pelraria da parede. Com a abertura da linha de ferro pelo monte a Santa Marta, aquillo está tudo transformado; e a velhinha capella tem vergonha de que a vejam, occultando-se mais acima, e aconchegando-se para a sombra de arvores e de silvas, que lhe vão encobrinho a sua nudez, o seu esphacello e a sua tristissima degradação. Os gemidos que a capellinha solta ao desconjuntarem-se-lhe os membros, produzirão no espaço o echo das mais desagradaveis dissonancias?

Creemos, que sim.....

ARCHELOGO.

No tribunal estavam prevenidos os officiaes de juizo e a força militar, para darem livre entrada a todos os representantes da imprensa, na occasião do julgamento do Relho.

A um dos officiaes, o Miscambilha, disse o sr. juiz que manlasse entrar para a teia, logo que chegasse, o homem do «Janairo». Miscambilha espalhou immediatamente que vinha um redactor d'aquelle diario, do Porto, fazer reportagem, e que o sr. juiz até o recomendaria especialmente.

Chega, finalmente, o esperado escriptor, e a nova corre logo na sala. Porém, qual o espanto de todos, ao vêr que em vez de apparecer um jornalista, apparece um entregador de jornaes...

Não é de admirar que o Pedro se tome por jornalista, se ha para ali tanto jornalista que se confunde com o Pedro...

F., individualidade por todos conhecida, poz-se no dia de seis defuntos a pé ás 3 horas da manhã. Num passeio pela villa, passou em frente aos Terceiros. Viu luz na porta d'entrada da sacristia.

¿Uma luz acesa? ¿De que se trataria? ¿De roubo? ¿Ou seria algum magusto, tão vulgar n'essas noites mercenorias?

Tentou fugir, com medo dos ladrões, mas a lembrança das castanhas, e do vinho, encorajou-o.

Foi, pé ante pé, ao ponto desejado. Metteu primeiro a cabeça e deparou-se-lhe unicamente a luz. Entrou, chamando, e ninguém lhe respondia. Para entreter o ocio, agarrou-se á corda da sineta e tocou, e tornou a tocar.

Começaram a vir fideis e F., desenganava-os do lôgro, assim:

—Havêla missa n'to: Bento estila munta taxada e tocála siná dula vezes.

Surge Bento, sa christã, estremunha-lo.

—¿Quem foi que te mandou tocar o sino, F.?

Vêz algum padre?

—Padre sêla Benta e eu ajulála missa. ¿Bentiinha qué que vá tocá sininha outa vê?

Se em vez de F. se agarrar á corda da sineta, se agarrasse a um copo d'amoniaco...

NOTAS DA QUINZENA

Um movimento desusado pelas ruas, apesar de cahir uma chuva malereadamente impertinente.

Chegou o Relho, veio o Relho, vae ser julgado o Relho—aquella individualidade que fez carregar de sombras de medo muito boa gente do concelho e d'esta villa... Um medo que tocara ao exagero

Não se vinha a Barcellos á botica porque o Relho apparecia; não se ia d'una a outra freguezia; nem até de noite se vinha á janella.

E Relho não matava ninguém; um furto aqui, um roubo acolá—feito com arte, feito com cuidado, e mais nada.

Vinha á villa de dia, de noite ia-se embora sosegado...

Apparecia-nos umas vezes de barba passa-pio-lho e outras com umas mal cuidadas meias soltas.

Não fazia mal aos amigos. Era amigo da familia.

Dormia pelos montes como um santo d'antigas eras, nos espigueiros, nos cobertos, entre as me-das.

Tudo quanto era mau se lhe attribuia: era ladrão, incendiario, assassino e não sei se até antropophago...

As forças corriam todas as semanas para o prender e regressavam cheias de neve... porque as noites eram gelantes. Mas Relho não apparecia senão quando os soldados voltavam costas.

As auctoridades vian-se, as auctoridades desejavam-se: o José Duarte era motejado, o dr. Mactos era censurado.

Como a tropa não fazia nada devido talvez ao brilho dos metaes, que Relho lobrigava de longe, constituíram-se grupos de pessoas da classe civil, enclausurados em fatos de lavrador, mas nunca se dou o facto da prisão...

A policia de Braga tambem não fez nada.

Um dia porém a bobedeira prendeu o Relho e a auctoridade mandou-os metter na cadeia.

Uma occasião em que elle ia para Ponte do Li-

A LAGRIMA

na, no meio da força militar, a pretexto de satisfazer uma necessidade, espantou-se...

Foi preso novamente e remetido para as cadeias da Relação d'onde veio ultimamente para ser julgado.

Na ocasião em que vinha para o tribunal o largo José Novas estava repleto de povo para o ver, mas Relho que não quer ser muito visto porque ainda um dia pôde vir para a liberdade... desceu sobre a caixa das ideias o capuz do seu varino...

O tribunal estava á cunha. Povo de longe e de perto. Disputavam-se logares a murro. As portas eram guardadas por soldados.

Na teia, uma carrada de reporters, gente da justiça, testemunhas.

O mais importante da audiência, que durou dois dias, foi a defeza que o Relho fez dos 12 crimes de que era accusado, o que levou a dizer um bacharel que o Relho dava um bom advogado.

Relho foi condemnado.

*

Os reporters, na teia, rodeava n uma meza n'uma saliência avitrinada, afim de transportarem para as gazetas as peripecies do julgamento do famigerado ladrão.



Encheram tiras, tiras de papel. Abarrotaram as columnas dos jornaes do paiz—para não dizem nada... O que precisava ser tratado foi covardemente abandonado; o que era digno de menção, foi esquecido.

Em poucos escriptos appareceu traçada a individualidade do Relho. Apresentaram-n'o uma figura tosea, a reboco,—um typo banal...

Todas as correspondencias que tenho visto trespassandam á pelintrice do chegou e partiu o sr. fulano de tal.

O serviço da soldadesca no tribunal que foi a coisa mais horrorosa que temos visto, não foi criticado por nenhum impressista. E no entanto elle causou vomitos. Os soldados dirigiam a todo o mundo imprudencias d'um calão de cazerna, a

cheirar a rancho com feijão carrapato e batatas... Deixavam entrar todas as meretrizes depois d'uma malcreada apalpadella, e as pessoas que deviam dar ingresso ficavam na rua. Houve até quem desse cigarros para entrar.

As boas manciaras indicadas do Regulamento Militar, foram enforcadas...

Infanteria 6 mandou-nos uns soldados muito cortiças, muito lixas...

E Relho permanecia assentado, lamentando não ser escriptor para fazer reportagem dos reporters...



*

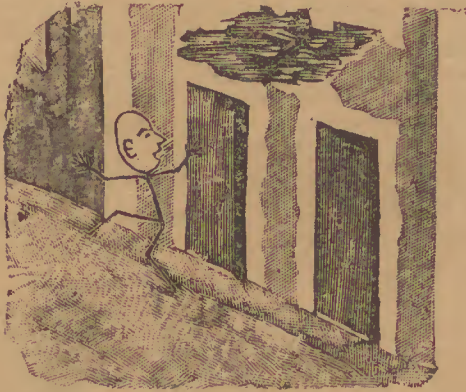
Os jornaes do Porto, para não ir mais longe, esmanaram todas as sciencias correspondencias de Barcellos. E' raro que ellas tratem de coisa util. Procuram dizer que a noite estevo formosa, o dia alegre; que passaros cantavam, que foguetes subiam; que o sr fulano está constipado, que beltrana foi ao Porto.

Ha tanta coisa de que fallar...

As ruas salientam um lixo petulante, a chorar por vassoura. Tudo se deita para a rua:— o chinello velho, os troços de couve, a agua das lavagens. Embandeiram constantemente as janellas as roupis da varrêla deixando escorrer sobre os transeantes o pingo malcreado; adornam as sacadas, n'um arrojado perigoso, uns vasos mal seguros, á espera d'um vento atrevido que os transporte para cima das nossas cabeças; formigam pôr ali os animaes domesticos, a gallinha, o pato, o porcu, e porcu, etc.

O predio da rua Infante D. Henrique n.º 81 tem um rombo feito, dizem, por um projectil que sahiu d'um canhão, do vaso de Guerra, que se disparou n'outro dia no caos de Barcelinhos... Ha outros, coitados, que se a cal e o barro lhe escondessem os ossos, que mettem tanto nojo como as pernas chagosas d'um pedinte, era uma obra de caridade; e umas casas que osten tamumas sacadas de raros a pedirem espigas... ai para essas serem apeadas, a «Lagrima» abria já uma subscripção.

A LAGRIMA



As habitações em Barcellos tem no geral, um mau aspecto exterior e interior, e se não se lhe encobre com uma caiadella amiga, esse defeito faz recuar a gente aterrorisada...

Olhem para estas coisas srs. reporters—nem que não tenham publico que os veja...

A. SOUCASAU,

Lê-se n'uma casa do Campo da Feira:—«PHARMACIA DO JOZÉ DA BOTICA».

Ora não é este letreiro uma boa botica do José da Pharmacia, da Calçada?..



Perna leve, olho vivo e pontual
É o nosso astucioso regedor
Zé Duarte, rosto alegre e jovial
Dos larapios e borrachos, o terror.

Desta vez o heroe astucioso,
Foi por ordem prender um desordeiro;
Mas o homem de genio, não medroso,
Foge ao Zé, e mostra-lhe... o trazeiro.

Dois petimetres, com fumaças de litteratos, mas que não passam de dois pobres d'espírito, criticavam ha dias, no jardim, Z. Saramago.

Diziam os coitaditos:

—Aqui está por exemplo isto que é asneira:—tardes sem arreboos.

Estes pelintrinhas de ideias não sabem o que é arrebol. Arrebol é aquelle clarão dourado e suave do horizonte, quando o sol se vai escondendo para além dos montes e dos pinheiracs.

Ora, ha muitas tardes sem sol.

Assim como ha cabeças sem ideias. Por exemplo, as d'estes dois criticos... de merda.

REGISTO BIBLIOGRAPHICO

ALLEGAÇÕES FINAES, EM QUESTÃO DE FÓROS, pelo advogado Joaquim Gualberto de Sá Carneiro.

Deve «A Lagrima» bastantes finezas ao distincto advogado que firma as Allegações do titulo d'esta noticia, e que recebemos em elegante folheto de 52 paginas, por s. ex.^a bizarramente offerecido a esta redacção.

Com quanto não sejamos perito na materia, apesar ainda da má disposição do nosso espirito por tudo o que cheire e tresande a coisas de tribunal, e mui especialmente por tudo que toque em fóros e cabeceis, costa d'África da nossa bolsa e nojo do nosso coração, é certo que lemos sem enfado as substanciosas Allegações do douto advogado, e affoutamento po lemos affirmar que a sua leitura nos sugestionou o bom resultado da causa que n'ellas se patrocina.

As Allegações são feitas contra uns Emburgos. Um dos fundamentos d'estes—era a perscripção, que n'ellas se destrue com pericia e artigos do Coligo.

O que é certo, porém, é que nós já tivemos tambem em juizo uma questão similhante, e no Supremo (!) Tribunal foi-lhe negada revista «atendendo á perscripção, e a se não ter dado á Acção valor para a alçada d'aquelle venerando (!) tribunal.»

A alçada é de 50 mil reis, e na Acção, a fls. 168 (?) tinha-se-lhe dado o valor de 159 mil reis.

Bem se diz que a justica, quando pintada, é cega...

E' por isto que, apesar do douto advogado sr. dr. Sá Carneiro tratar a questão a toda a altura do seu talento provado e do seu trabalho insano, pode muito bem acontecer que lhe não façam a justica que pede.

Porque, quando fallamos da justica, lembra-nos sempre o notavel sermão de Fr. Alexandre Palhares...

Posto isto, agradecemos o folheto, e as amaveis palavras do seu offerecimento.

Responsavel:—João G. da Silva